

A PRÁXIS E A COMPREENSÃO DA PRÁXIS: SOBRE AS *TESES AD FEUERBACH*¹

PRAXIS AND ITS COMPREHENSION: ABOUT THE *THESES ON FEUERBACH*

Wolfdietrich Schmied-Kowarzik²

Recebido em: 07/2019
Aprovado em: 11/2019

Resumo: Trata-se de situar histórica e filosoficamente o significado da práxis em Karl Marx a partir da análise de suas *Teses sobre Feuerbach*. Pretende-se mostrar que a práxis não pode ser reduzida à aplicação da teoria e, muito menos, a um momento da relação teoria e prática. Antes, a própria compreensão da práxis é constitutiva dela mesma na medida em que é aí que se evidencia um dos aspectos mais importantes de um processo revolucionário: perceber e agir a partir do pressuposto de que a realidade histórica é processo em devir e, por isso mesmo, passível de ser influenciada por indivíduos que se articulam intencional e solidariamente para superar todas as formas de opressão e dominação. Visualiza-se, assim, uma concepção de práxis que não ceda nem ao materialismo vulgar nem ao idealismo ingênuo. Práxis concebida enquanto tarefa solidária de um movimento social emancipatório. [Resumo do tradutor].

Palavras-chave: Materialismo; idealismo; filosofia crítica; práxis social.

Abstract: This article is about the historically and philosophically meaning of praxis in Karl Marx from the analysis of his *Theses on Feuerbach*. It is intended to show that praxis cannot reduce itself to the application of theory, much less to a moment of the related theory and practice. Rather, the very understanding of praxis is constitutive of itself. Insofar as this is where one of the most important aspects of a revolutionary process. It is evident; to perceive and act from the assumption that historical reality is a process to be, and therefore indeed, it can be influenced by individuals who articulate themselves intentionally and in solidarity to overcome all forms of oppression and domination. Thus a conception of praxis is visualized that yields neither to vulgar materialism nor naive idealism. Praxis conceived as a solidarity task of an emancipatory social movement. [Editor's translation].

Keywords: Materialism; idealism; critical philosophy; social praxis.

¹ Título original: *Die Praxis und das Begreifen der Praxis. Zu den "Thesen ad Feuerbach"*. Mantivemos o termo *ad* (endereço para) no título, conforme consta no original alemão. No corpo do texto, no entanto, utilizamos a expressão *sobre* no lugar de *ad*, já que é assim que o título geralmente é conhecido entre nós. Publicado primeiramente em Michael Grauer, Wolfdietrich Schmied-Kowarzik, Gottfried Heinemann (Hrsg.). *Die Praxis und das Begreifen der Praxis*. Kasseler Philosophische Schriften 13. Kassel, 1985. E posteriormente em Wolfdietrich Schmied-Kowarzik, *Karl Marx – Die Dialektik der gesellschaftlichen Praxis. Zur Genesis und Kernstruktur der kritischen Philosophie gesellschaftlichen Praxis*. Freiburg; München: Verlag Karl Alber, 2018, p. 222-234. Tradução do alemão: Rosalvo Schütz, professor de Filosofia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Doutor em Filosofia pela Universidade de Kassel (Alemanha). Bolsista produtividade do CNPq e Pós-doutorando em Filosofia na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Agradeço a Gerson Lucas Padilha e Paulo Denisar Fraga pelas sugestões e correções no texto. [N.T.].

² Professor emérito de Filosofia da Universidade de Kassel (Alemanha). E-mail: schmied-kowarzik@aon.at

Considerações prévias sobre o compreender da práxis

Conhecidamente, nas *Teses sobre Feuerbach* de 1845, que foram sucintamente escritas num caderno de notas e não estavam destinadas à publicação, Marx indicou os motivos básicos de sua filosofia da práxis que, embora já estivessem estabelecidos nos *Manuscritos econômico-filosóficos*, encontram aqui suas determinações definitivas. As *Teses sobre Feuerbach* foram concebidas imediatamente antes da redação do capítulo sobre Feuerbach, no trabalho recém-iniciado em conjunto com Engels, na elaboração da *Ideologia alemã* e serviram de orientação a Marx para a elaboração das suas partes. Nesta medida, para nós deveria estar claro que a linguagem um tanto irreverente-palpável e simplista-polêmica na qual a *Ideologia alemã* foi formulada, também deveria ser lida e compreendida desde as *Teses sobre Feuerbach*, caso queiramos ser justos com o conteúdo prático-filosófico pretendido por Marx. Daí as *Teses sobre Feuerbach* desempenharem um papel chave para a compreensão do conjunto da obra de Marx.

Na oitava tese, que está neste contexto e da qual advém o título da presente contribuição, podemos ler o seguinte: “8. A vida social é essencialmente *prática*. Todos os mistérios, que levam a teoria ao misticismo, encontram sua solução racional na práxis humana e no ato de compreender essa práxis” (Marx, 2007, p. 29)³.

Quem ler atentamente descobrirá que, composto na forma de um lema pela conveniência, o título do texto aqui apresentado realiza uma simplificação perigosa diante da oitava tese. Do perigo desta interpretação, fundamentalmente equivocada em relação à afirmação de Marx, nós só podemos nos dar conta na medida em que tentamos nos contrapor a ela desde o início. Vejamos.

Na oitava tese sobre Feuerbach, Marx destaca que toda a vida social é essencialmente *prática* e que os problemas teoricamente insolúveis encontram sua solução na práxis humana e na compreensão desta. Marx, portanto, indica para a práxis social e sua compreensão enquanto uma tarefa *prática*. O título do presente artigo, no entanto, não permite mais o conhecimento deste contexto, mas pode antes sugerir que a práxis e a compreensão da práxis seriam momentos de uma relação que se clarearia desde si. O título, inclusive, poderia ser compreendido como se aqui se tratasse apenas de um esclarecimento teórico da relação entre práxis e compreensão, ou seja, justamente aquele misticismo que Marx procura superar na oitava tese.

É bem conhecido que a teoria de Marx foi entendida de modo profundamente

³ Quando disponíveis edições brasileiras, as referências são feitas em conformidade com elas ou são traduzidas diretamente, mantendo-se a referência da obra original citada. [N.T.].

equivocado, tanto por seus continuadores dogmáticos quanto por seus oponentes, enquanto uma ciência positiva e uma práxis planificável. Inclusive os dois positivismos dominantes tanto no Oeste quanto no Leste⁴ durante o século XX, podem ser deduzidos a partir da dissolução científica linear do vínculo entre práxis e sua compreensão: enquanto o materialismo científico do Leste partia do pressuposto de que a práxis é um acontecimento processual naturalmente necessário cujos movimentos a compreensão simplesmente deveria espelhar em forma de leis, o racionalismo crítico do Oeste, em contraposição a isso, se esforça por constituir primeiramente a práxis enquanto um objeto de conhecimento acessível através dos métodos científicos de compreensão. Nessas duas variantes do positivismo, a práxis enquanto práxis não aparece mais, mas apenas enquanto objeto do conhecimento e de manipulação. Motivo pelo qual também a aplicação de seus conhecimentos científicos sobre a “práxis” – como equivocadamente a formulam – se reduz a estratégias de planejamento teórico-sociais.

Mas também a assim chamada variante ‘dialética’, que põe a práxis e a sua compreensão numa relação apenas exterior de condicionamentos e de determinações recíprocas – compreendam-se elas como ‘teoria dialética da auto-organização’ ou como ‘sociologia dialética da práxis’, ou como ‘teoria das relações dialéticas’ –, está exposta ao perigo de tratar a práxis e a compreensão como simples momentos do processo, objetos do conhecimento ou determinações de relações. Isto é: determiná-las apenas teórico-cientificamente. E, assim, desde o início a práxis não é mais concebida enquanto práxis socialmente atribuída, enquanto um agir a ser efetivado por nós.

Mas, para finalmente chegar ao núcleo do problema, merece ser destacado que a práxis e sua compreensão, enquanto algo prático, só nos permanecem acessíveis onde não esquecemos de que aí se trata de *nossa* práxis e da *nossa* autocompreensão. Portanto, quando permanecemos conscientes de que nós mesmos somos os sujeitos da práxis e de sua compreensão.

Essa é a visão básica da filosofia prática desde Sócrates⁵, renovada no primado da razão prática em Kant. Em contraposição a isso, cada objetificação científica da práxis e da sua compreensão divide a unidade da nossa realização prática e as potências do nosso autoconhecimento, num fazer que nos é externamente contraposto, determinado por algo que nos é estranho e nos reduz a sujeitos menores, funcionalmente programados.

Nos comentários que seguem gostaríamos de apresentar, a partir dos pensamentos

⁴ O autor se refere aos dois blocos de então, no horizonte da Guerra Fria. [N.T.].

⁵ Ao mencionar Sócrates, naturalmente nos referimos sempre ao Sócrates de Platão, assim como ele é apresentado nos primeiros diálogos sobre a virtude. Compare-se aqui Schmied-Kowarzik (2008).

centrais e do motivo fundamental das *Teses sobre Feuerbach*, que Marx não apenas se situa conscientemente na tradição da filosofia prática, mas que ele, inclusive, a radicaliza ao elevá-la dialeticamente. Com essas observações indicativas pretendemos circunscrever a tradição na qual consideramos que também nós deveríamos nos situar, quando hoje falamos de uma filosofia crítica da práxis social.

Contornos de uma filosofia crítica da práxis social

Logo na primeira tese Marx determina e demarca sua posição em relação, por um lado, ao materialismo com todas as suas variações e, por outro lado, em relação ao idealismo da filosofia dialética:

1. O principal defeito de todo materialismo até aqui (o de Feuerbach incluído) consiste no fato de que a coisa (*Gegenstand*) – a realidade, a sensualidade – apenas é compreendida sob a forma de *objeto* (*Objekt*) ou da *contemplação* (*Anschauung*); mas não na condição de *atividade humana sensível*, de *práxis*, não subjetivamente. Daí por que, em oposição ao materialismo, o lado ativo foi desenvolvido de modo abstrato pelo idealismo, que, naturalmente, não conhece a atividade real e sensível como tal. Feuerbach quer objetos sensíveis, realmente distintos dos objetos do pensar; mas ele não compreende a atividade humana em si como atividade *objetal* (*gegenständliche Tätigkeit*). Por isso ele contempla, na *Essência do cristianismo*, apenas o comportamento teórico como sendo aquele que é genuinamente humano, ao passo que a práxis apenas é compreendida e fixada em sua forma fenomênica judaica e suja. Por isso ele não entende o significado da atividade “revolucionária”, “prático-crítica” (Marx, 2007, p. 27).

É espantoso que, depois desta primeira tese e da primeira frase dela – não totalmente sem culpa de Engels e de toda a sua recepção desde Plekhanov até Stalin –, a filosofia da práxis de Marx tenha sido degradada, de um modo tão rápido e completo, expressamente até o seu contrário: um materialismo raso de visão de mundo (*platten Weltanschauungsmaterialismus*). No entanto, melhor deixarmos de lado, desde o início, tudo aquilo que foi propagado sob o nome de marxismo e busquemos ter presente apenas as principais afirmações do próprio Marx.

Por materialismo Marx aqui não compreende apenas aquele de Feuerbach, mas também o materialismo francês do século XVIII de um La Metrie e de um d’Holbach e, do mesmo modo, o empirismo e o sensualismo anglo-saxão de Hobbes e Locke, isto é, toda a ciência positivista da modernidade. É ela que ele acusa de não considerar a realidade que procura conhecer como efetiva, mas que a coisifica e contrapõe a si “na forma de um objeto”. Isso,

formulado de um modo mais aguçado, Marx expressa na *Sagrada família*:

Em Bacon, na condição de seu primeiro fundador, o materialismo ainda esconde de um modo ingênuo os germens de um desenvolvimento omnilateral. A matéria ri do homem inteiro num brilho poético-sensual. [...] Em seu desenvolvimento posterior, o materialismo torna-se unilateral. Hobbes é o sistematizador do materialismo baconiano. A sensualidade perde seu perfume para se converter na sensualidade abstrata do geômetra. O movimento físico é sacrificado ao mecânico ou matemático; [...] O materialismo torna-se misantrópico (Marx e Engels, 2011, p. 160).

É um grande mérito de Feuerbach ter se contraposto a essa dessensibilização das nossas experiências de realidade, através do seu materialismo antropológico. Por este meio, além de buscar manter o brilho poético-sensível da natureza por nós experimentável, ele também conquistou de volta a nossa própria sensibilidade natural. Mas Feuerbach não avança o suficiente – como destaca mais uma vez Marx na quinta tese –, ele permanece na contemplação: “5. Feuerbach, não satisfeito com o *pensar abstrato*, quer a *contemplação*; mas ele não compreende a sensualidade (*Sinnlichkeit*) como atividade prática, humano-sensível (*praktische menschlich-sinliche Tätigkeit*)” (Marx, 2007, p. 28).

A acusação a todas as formas de materialismo, do empirismo positivista até sua estrutura consciente em Feuerbach, consiste, portanto, no fato de que nestas a realidade enquanto objeto é contraposta ao sujeito, sem compreender que, com isto, se perde de vista a realidade enquanto *efetiva*, pois esta nós só podemos apreender deste modo quando nos compreendemos, junto com o nosso conhecimento, enquanto partes práticas constituintes da realidade a ser conhecida. É isto que quer dizer a primeira frase da primeira tese, a qual, por isso, cito aqui novamente:

O principal defeito de todo materialismo até aqui (o de Feuerbach incluído) consiste no fato de que a coisa (*Gegenstand*) – a realidade, a sensualidade – apenas é compreendida sob a forma de *objeto* (*Objekt*) ou da *contemplação* (*Anschauung*); mas não na condição de *atividade humana sensível*, de *práxis*, não subjetivamente (Marx, 2007, p. 28).

Embora no conceito de realidade possamos nos dirigir a toda problemática da natureza, aqui gostaríamos de deixá-la de lado para abordar apenas a práxis e a história humana. Quem, portanto, acredita – como acontece muitas vezes nos diversos marxismos – que se possa simplesmente substituir a sensibilidade pela práxis, continuando a tratar esta como um objeto do conhecimento a ser analisado cientificamente ou, até mesmo, como um acontecer processual reproduzível cientificamente, entendeu mal, desde o início, a questão central da crítica de Marx.

Pois práxis – na forma como Marx aqui introduz este conceito – não pode mais ser entendida como um *objeto de conhecimento* a nós contraposto, uma vez que nós mesmos somos os sujeitos dessa práxis a ser conhecida desde si mesma. A realidade da práxis e da história é o nosso próprio processo vital, o qual, em seu ser efetivo, nós apenas podemos experimentar subjetivamente, isto é, no autoconhecimento prático e ao tornarmo-nos conscientes. Com essas afirmações fundamentais Marx se situa, desde a primeiríssima frase de suas teses práxico-filosóficas, ao lado de uma tradição da filosofia prática que vem desde Sócrates, a qual é radicalizada e pensada até o fim por meio da superação da perspectiva de ação individual a partir de um horizonte social histórico.

Numa sequência imediata, a segunda frase da primeira tese se ocupa diretamente com o lado oposto da filosofia idealista: “Daí por que, em oposição ao materialismo, o lado ativo foi desenvolvido de modo abstrato pelo idealismo, que, naturalmente, não conhece a atividade real e sensível como tal” (Marx, 2007, p. 28).

Embora aqui seja referenciado todo o idealismo alemão desde Kant, trata-se, no entanto, de modo especial da *Fenomenologia do espírito*, de Hegel. Na *Fenomenologia* é desenvolvido o processo do tornar-se consciente, que a consciência experimenta e realiza em si e para si, ou seja, já aqui é indicado aquilo que Marx exige para o conhecimento da práxis. A dizer, que a ação humana não se materializa externamente, mas se compreende a si mesma desde o seu estar ativo. No entanto – e esta é a objeção crítica que Marx apresenta contra o idealismo dialético –, na *Fenomenologia* de Hegel é compreendido apenas o trabalho do espírito, da consciência e não toda a “atividade sensível, real”, como ela nos é praticamente atribuída enquanto práxis e história a ser realizada.

Nos *Manuscritos econômico-filosóficos* escritos um pouco antes, Marx expõe de modo esclarecedor:

A grandeza da *Fenomenologia* hegeliana [...] é que Hegel toma [...] a autoprodução do homem como um processo, [...] que compreende a essência do trabalho e concebe o homem objetivo, verdadeiro, porque homem efetivo, como resultado do seu próprio *trabalho*. [...] O trabalho que Hegel unicamente conhece e reconhece é o abstratamente espiritual (Marx, 2008, p. 123-134).

Desta dupla demarcação crítica negativa de Feuerbach e de Hegel, do materialismo e do idealismo, se torna claramente conhecível a intenção básica da filosofia da práxis de Marx: para Marx trata-se de compreender a práxis humana enquanto um processo histórico em devir, o qual só pode chegar à consciência desde si mesmo, embora esta consciência alcançada seja, por

sua vez, novamente concebida enquanto indicativo para a práxis que nos cabe como seres humanos conscientes.

Aquilo que vale para nós enquanto indivíduos de ação e que é totalmente autocompreensível, de que nós, a dizer, não nos conhecemos e determinamos de modo externo à nossa práxis existencial, mas que sempre só podemos nos tornar conscientes de nós mesmos desde dentro – como Marx destaca –, vale também para a práxis social e para a humanidade como um todo. O ser humano é sujeito de sua história, não o ser humano como indivíduo, mas os seres humanos no processo de sua própria emergência humana através de seu tornar-se conscientes. Esta questão é indicada por Marx em mais de uma tese: na sexta, sétima, nona e na décima. Abaixo as apresentamos resumidamente:

6. Feuerbach dissolve a essência religiosa na essência *humana*. Mas a essência humana não é uma abstração inerente ao indivíduo singular. Em sua realidade ela é o conjunto das relações sociais.

Feuerbach, que não chega à crítica dessa essência real, é obrigado, por isso:

1) A abstrair do processo histórico e fixar para si mesmo a índole religiosa, e pressupor um indivíduo humano abstrato, *isolado*.

2) A essência pode, por isso, ser compreendida apenas na condição de “gênero”, de coletividade interna, muda, que une muitos indivíduos *de maneira natural*. (Marx, 2007, p. 28-29).

7. Feuerbach não vê, por isso, que a “índole religiosa” é, ela mesma, um produto social, e que o indivíduo abstrato, que ele analisa, pertence a uma determinada forma de sociedade.

9. O extremo ao qual chega o materialismo contemplativo, quer dizer, o materialismo que não compreende a sensibilidade na condição de atividade prática, é a contemplação dos indivíduos singulares e da sociedade civil (*bürgerliche Gesellschaft*).

10. O ponto de vista do velho materialismo é a sociedade civil, o ponto de vista do novo é a sociedade humana ou a humanidade social (Marx, 2007, p. 29).

Apenas um ponto deste texto, que ademais fala por si mesmo, eu gostaria de abordar aqui. Uma das frases mais distorcidas e maltratadas das *Teses sobre Feuerbach* é aquela extraída da sexta tese: “Em sua realidade ela [a dizer: a essência humana] é o conjunto das relações sociais”. A partir desta frase muitas vezes se pretendeu ler – e isto tanto da parte de marxistas quanto de antimarxistas – que Marx teria intencionado que o indivíduo se dissolveria totalmente na sociedade e, até mesmo, que ele teria negado a existência de indivíduos subjetivamente independentes. É claro que isto é uma total distorção e inversão da afirmação de Marx, pois a frase não se refere primeiramente ao indivíduo, mas ao ser humano, pelo que Marx entende – o que no contexto se torna evidente – o ser humano propriamente, a humanidade

social, a qual, no entanto, em contraposição a Feuerbach, não toma como “apenas ‘espécie’”, ou seja, enquanto “generalidade [...] natural”, e sim enquanto ser que se autoproduz e se torna consciente de si mesmo na história.

Assim, a frase não diz nada mais de que os seres humanos representam, em sua realidade concreta, o conjunto das relações sociais por eles mesmos produzidas historicamente. Ao que adicionalmente deve ser lembrado de que aqui não se trata de uma determinação externo-científica estranhada, como se fosse uma declaração sociológica sobre a dependência do indivíduo da sociedade, mas do primeiro pensamento fundamental da nossa autocompreensão prática enquanto seres sociais, ao que se vincula – como logo há de ser mostrado –, enquanto segundo pensamento fundamental, a mudança do mundo orientada para o futuro, ou mesmo a mudança de si enquanto tarefa prática. Nas primeiras frases de *O 18 Brumário de Louis Bonaparte*, Marx expressou esse pensamento fundamental numa fórmula clássica: “Os homens fazem a sua própria história; contudo, não a fazem de livre e espontânea vontade, pois não são eles quem escolhem as circunstâncias sob as quais ela é feita, mas estas lhes foram transmitidas assim como se encontram” (Marx, 2011a, p. 25).

De forma ainda mais decidida Marx sempre de novo destacou que para ele – em contraposição a Hegel – não existe um espírito supraindividual do mundo e, assim, também não uma sociedade supraindividual em si, mas apenas os indivíduos, os indivíduos *socialmente* ativos, que são os portadores e sujeitos daquilo que nós chamamos de sociedade e de história. Nos *Manuscritos de Paris* Marx destaca de modo enfático: “Acima de tudo é preciso evitar fixar mais uma vez a ‘sociedade’ como abstração frente ao indivíduo. O indivíduo é o *ser social*. Sua manifestação de vida [...] é, por isso, uma externalização e confirmação da vida social” (Marx, 2008, p. 107). E justamente por isso vale também aquilo que Marx assim expressou dialeticamente algumas páginas antes: “Portanto, o caráter *social* é o caráter universal de todo o movimento; assim como a sociedade mesma produz o *homem* enquanto *homem*, assim ela é produzida por meio dele” (Ibid., p. 106).

O que Marx aqui destaca é, portanto, exatamente o contrário daquilo que o marxismo dogmático e o antimarxismo buscam lhe atribuir. Para Marx são apenas os indivíduos já desde sempre socialmente ativos – o indivíduo abstratamente isolado não existe – os portadores e sujeitos das práxis social e histórica.

Este conhecimento básico é de decisiva importância para toda a teoria da alienação e da revolução marxiana, pois apenas pelo fato de todas as relações sociais não representarem nenhum dado em si, mas, em seu conjunto, serem produzidas historicamente pela práxis social

dos indivíduos, existe a possibilidade e a justificada esperança de que todas as formas de relações de alienação, exploração e opressão produzidas por uma práxis cega e naturalizante, possam ser superadas e revolucionadas consciente e solidariamente por indivíduos ativos.

Também aqui, a partir das poucas indicações dadas, fica claro que tanto a teoria da alienação quanto a da revolução, apenas adquirem algum sentido por não estarem limitadas a uma compreensão restrita a determinações externas da práxis e da história. Trata-se, antes, da análise crítica de nossas próprias relações vitais práticas sendo esta própria análise compreendida enquanto uma de nossas tarefas práticas. É isto que Marx aborda expressamente na quarta tese:

4. Feuerbach parte do fato da autoalienação (*Selbstentfremdung*) religiosa, da duplicação do mundo religioso e mundano. Seu trabalho consiste em dissolver o mundo religioso em seu fundamento mundano. Mas que o fundamento mundano se destaque de si mesmo e fixe para si mesmo um reino autônomo nas nuvens pode ser esclarecido apenas a partir do autodilaceramento e da autocontradição desse fundamento mundano. Ele mesmo deve, pois, ser entendido tanto em sua contradição como revolucionado na prática. Portanto, depois que, por exemplo, a família terrena foi descoberta como mistério da sagrada família, eis que a primeira deve ser, ela mesma, aniquilada na teoria e na prática (Marx, 2007, p. 28).

A práxis revolucionária enquanto tarefa

Práxis revolucionária em Marx aqui implica, portanto, a tarefa a ser iniciada e permanentemente continuada, a fim de que os seres humanos não se deixem mais determinar por relações sociais estranhadas que foram inconscientemente por eles mesmos produzidas, mas que tomem consciente e solidariamente em suas mãos a estrutura de sua própria práxis vital e, assim, efetivamente se tornem os sujeitos conscientes de sua história. Que essa transformação (*Umwälzung*) não pode ser alcançada por um reino de poder externo ou pela simples abolição de relações de propriedade, mas que ela implica um longo processo de emancipação no qual os próprios seres humanos não de ser modificados, é o que Marx expressou de forma enfática na terceira das *Teses*:

3. A doutrina materialista da transformação das circunstâncias e da educação esquece que as circunstâncias são transformadas pelos homens e que o próprio educador tem de ser educado. Por isso ela tem de separar a sociedade em duas partes, das quais uma lhe é superior.
A coincidência do ato de mudar as circunstâncias com a atividade humana ou autotransformação pode ser compreendida e entendida de maneira racional

apenas na condição de *práxis revolucionária* (Marx, 2017, p. 28).

Em parte alguma de toda a sua obra Marx expressou tão claramente a complexidade dialética e a pretensão prática da filosofia crítica da práxis social quanto na terceira tese sobre Feuerbach. Nela se expressa que somos nós mesmos, seres humanos, que criamos as relações de alienação e os contextos ilusórios que estão atravancando o caminho de um autodesenvolvimento humano, quer dizer, ético da humanidade. Simultaneamente esta tese também deixa claro que não existe outro modo de nos libertarmos da história autodesregulada senão através da *práxis revolucionária* que só pode se efetivar desde o compreender de nossa *práxis alienada*. *Práxis* esta que certamente ninguém poderá levar a cabo isoladamente para si, pois esta só pode – caso suceda alguma vez a autorrealização humana – ser a tarefa solidária de um movimento social emancipatório.

Daqui podemos assegurar resumidamente a relação teoria-práxis, como ela é exposta na segunda tese sobre Feuerbach, e onde a oitava e a décima primeira se conectam. Nela se lê:

2. A questão de saber se cabe ao pensar humano uma verdade objetiva – não é uma questão da teoria, mas sim uma questão *prática*. É na *práxis* que o ser humano tem de provar a verdade, isto é, a realidade e o poder, o caráter terreno do seu pensar. A controvérsia acerca da realidade ou não realidade do pensar – que está isolado da *práxis* – é uma questão puramente *escolástica* (Marx, 2007, p. 28).

Retirada de seu contexto e tomada para si, se poderia crer que aqui se trata de uma antecipação da teoria da verdade e da ciência do pragmatismo americano. E já Engels esteve, por meio de exemplos simplificados, muito próximo de tal significação tecnológico-cognoscível. No contexto das demais teses e de sua intenção geral, no entanto, se torna claro que Marx não faz nelas declarações teórico-cognoscíveis referidas a ciências individuais, e sim refina o primado kantiano da razão prática através da afirmação da primazia da *práxis humana*. Não é possível, portanto, referindo-se a esta tese, afirmar que a verdade dos nossos conhecimentos científicos pode ser comprovada pelo funcionamento de sua aplicabilidade técnica. Ao contrário, a partir dela, das contradições no interior da *práxis social* e em relação à natureza, assim como do surgimento global de crises sociais e ambientais, podemos fazer a leitura das inverdades de nossa racionalidade científica.

Fundamentalmente esta segunda tese evidencia que não existe nem um pensar, nem um conhecimento e nenhuma verdade em si, e que estes são todos momentos de uma *práxis* que engloba o tornar-se consciente e autoconsciente do ser humano no mundo. Aqui, embora seja

algo que de fato se deixa compreender por si, é bom que destaquemos que não se trata de uma dependência linear entre teoria e práxis, pois a própria práxis não é um dado ontológico em si, mas ela é um processo do tornar-se humano (*Menschenwerdung*) na história. Porém, sem consciência este processo não só seria impensável, mas também impossível. Ele não é um acontecimento do ser (*Seinsgeschehen*), mas corresponde à humanização social do ser humano que brota a partir do agir dos seres humanos mesmos. As orientações indicativas que daí resultam podem ser experimentadas unicamente desde este processo humano do tornar-se consciente.

A partir desse contexto não há de se entender apenas a indicativa tese oitava – “Toda a vida social é essencialmente prática. Todos os mistérios, que levam a teoria ao misticismo, encontram sua solução racional na práxis humana e no ato de compreender essa práxis” (Marx, 2007, p. 29) –, mas também que nele está alicerçada a décima primeira tese, com a qual as mesmas se encerram: “Os filósofos apenas interpretaram o mundo diferentemente, importa é transformá-lo” (Id.).

A décima primeira tese não só significa um posicionamento contra toda filosofia que apenas opera a interpretação do mundo, mas também uma contraposição a toda teoria e ciência que crê ser possível determinar, isolada de nossa práxis humana, objetivamente o mundo em si e para si. Com isso ela é crítica radical da cientificidade e da racionalidade unidimensionais. Em contraposição a estas ela nos exige uma intervenção transformadora do mundo. Isto, no entanto, não deveria ser entendido enquanto instigação a uma manipulação sócio-tecnológica vinda de fora. Aqui é feita referência justamente à nossa práxis e à compreensão dessa práxis, cujo objetivo consiste numa práxis humana consciente que é, ao mesmo tempo, uma práxis conscientemente transformadora do mundo. Pois ao fim e ao cabo nós humanos estamos, com nosso inacabamento e no processo de humanização a ser por nós realizado, inseridos no inacabado processo de devir do mundo. E, por fim, uma práxis consciente da nossa condição humana só é realizável enquanto aliança com a natureza viva, na qual nós não só estamos inseridos na prática, mas para com a qual nós também temos responsabilidade prática⁶.

Estas são as linhas fundamentais e perspectivas de uma filosofia crítica da práxis social, como Marx a esboçou nas *Teses sobre Feuerbach* em 1845. Elas ainda estão na base da obra tardia da *Crítica da economia política*. Esta, no entanto, persegue apenas um aspecto parcial do

⁶ Compare Bloch (1975, p. 238): “O real contém em seu ser a possibilidade de um ser como utopia, o qual evidentemente ainda não existe, no entanto, o seu pré-aparecer (*Vorschein*) fundado e fundante, assim como seu conceito utópico-principal, já existem [...]”.

conjunto de desafios prático-filosóficos, a dizer, demonstrar, a partir da análise crítica, que a economia capitalista do valor nunca libertará o ser humano, mas, ao contrário, o força a uma crescente ameaça e dependência estranhada – sem consideração alguma pelo ser humano e a natureza. Com isto Marx tenta nos tornar conscientes da necessidade prática de que a emancipação humana rumo a uma condição humana solidária somente poderá ser alcançada – se é que será – por meio de uma transformação revolucionária da economia capitalista.

Durante mais de 120 anos Marx foi interpretado ao avesso dele mesmo de um modo científico-positivista, e isto tanto pelo marxismo dogmático quanto pelos seus oponentes. É isto que torna tão difícil alcançar, sem rodeios, o núcleo prático-filosófico do pensamento de Marx. No entanto, existe uma linha da tradição – embora estreita, mas filosoficamente relevante – que não apenas sempre de novo recupera o legado de Marx das distorções dogmáticas, mas também o desenvolve em conformidade com os problemas sociais modificados. Lembremos aqui apenas de Georg Lukács e Henri Lefebvre enquanto nomes mais significativos. Nesta linha da tradição de uma filosofia crítica da práxis social é que devemos nos posicionar para, assim, reconhecer nossas tarefas práticas a partir da apropriação compreensiva dos problemas dessa práxis social.

Referências

BLOCH, E. **Experimentum mundi**. Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 1975.

MARX, K. Teses sobre Feuerbach. In: MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. Trad. Marcelo Backes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 27-29.

_____. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Trad. Jesus Ranieri. 3. impr. São Paulo: Boitempo, 2008.

_____. **O 18 Brumário de Louis Bonaparte**. Trad. Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2011a.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. Trad. e notas Marcelo Backes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007a.

_____; _____. **A sagrada família**. Ou a crítica da Crítica crítica contra Bruno Bauer e consortes. Trad. e notas Marcelo Backes. São Paulo: Boitempo, 2011.

SCHMIED-KOWARZIK, W. **Das dialektische Verhältniss von Theorie und Praxis in der Pädagogik**. Kassel: Kassel University Press, 2008.